

Missão Cruls

A descoberta de um tesouro



Acervo de fotógrafo francês que documenta a história do Planalto Central será reproduzido em CDs

RENATO ALVES

ENVIADO ESPECIAL

Pirenópolis (GO) — A Missão Cruls, que explorou o Planalto Central em 1892, foi a primeira expedição científica brasileira documentada com fotos. O registro ficou a cargo do astrônomo francês Henrique Charles Morize. O seu trabalho ajudou a descrever com precisão a região até então pouco conhecida do resto do país e onde seria construída Brasília, quase 70 anos depois.

A tarefa de Morize foi nada fácil. Para fotografar a região, ele precisou de paciência e muito conhecimento de Química. Por onde ia, além da máquina levava um laboratório completo de revelação e cópia de fotos. Em nenhuma das cidades por onde passou havia tais equipamentos. Também não existiam filmes em negativo na época.

As imagens eram registradas em lâminas de vidro, carregadas em caixas de madeira. A lente era uma só. Quando queria fazer um registro, montava a arcaica câmera num tripé e passava sais de prata no vidro, dentro de uma caixa escura. Esses químicos absorviam a imagem e proporcionavam a foto, depois de misturados em reveladores e fixadores. Tudo no meio do mato.

Por serem de baixa sensibilidade, os sais de prata nas lâminas de vidro requeriam muito tempo de exposição à luz. “Por isso, os retratos eram todos posados. As pessoas não podiam se mexer para a imagem não ficar tremida”, explica o professor e fotógrafo de cinema Miguel Freire, chefe do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Quem vê as fotos de Morize se impressiona com a qualidade das imagens. “Ele tinha todo o domínio da técnica e conseguia captar detalhes que nenhum relato manuscrito conseguiria descrever”, elogia Freire. O professor é um dos responsáveis pela documentação do trajeto da nova Missão Cruls. O outro é André Muniz Leão, aluno de Rádio e TV da faculdade Icesp, de Brasília.

Os dois fazem a cobertura em vídeo e fotografia. A idéia é realizar documentários, vídeos educativos e um *making off* (cenas de bastidores) do trabalho. Bem diferente de Morize, eles contam com equipamentos modernos: duas câmeras videográficas digitais e duas câmeras fotográficas Nikon, com diversas lentes. Até ontem, eles haviam gravado dez horas de imagens e feito 360 fotos da expedição.

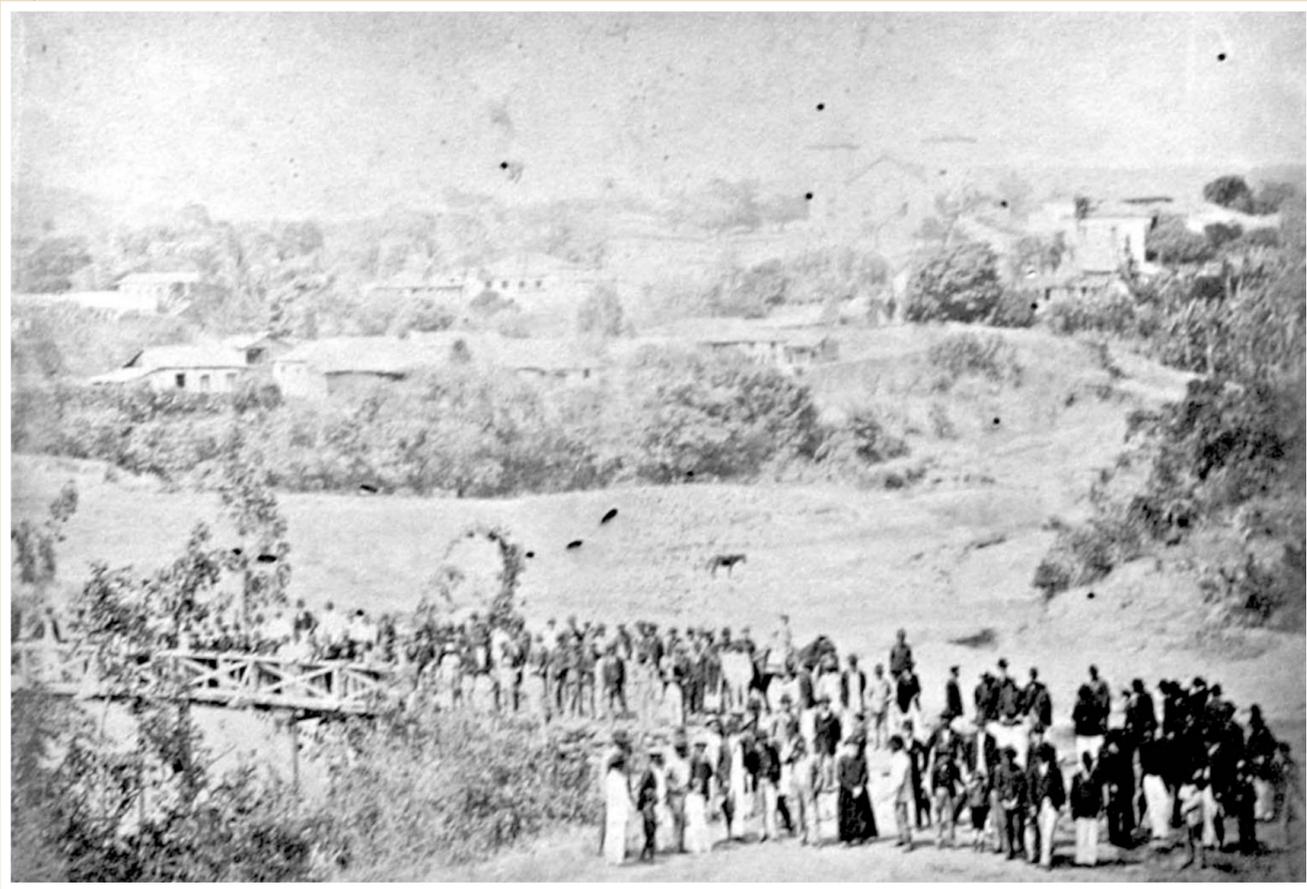
Relíquia recuperada

Na passagem pela cidade de Goiás, a comissão que refaz o trajeto dos antigos desbravadores encontrou relíquias. São 22 cópias originais das fotos da Missão Cruls, emolduradas em papelão. Cinco não estão no relatório que descreve o Planalto Central. Uma delas revela que a igreja do Bonfim, a mais antiga de Pirenópolis, tinha torres com cúpulas arredondadas, e não retas, como estão hoje.

O tesouro fotográfico está na casa do secretário de Cultura e Turismo da antiga capital do estado de Goiás, Marco Antônio Veiga de Almeida. Ele é bisneto de José Alencastro Veiga, primeiro fotógrafo profissional da cidade de Goiás. Em meados da década de 70, com o bisavô morto e o laboratório dele desativado, Marco Antônio, então com 7 anos, pediu a uma tia algumas fotografias do acervo de José Alencastro. “Ela ia jogar tudo fora”, conta. No meio da pilha de fotografias velhas estavam as da Comissão Exploradora do Planalto Central.

O fotógrafo Henrique Morize nasceu no dia 31 de dezembro de 1860, em Beaune, na França, e se mudou

Henrique Morize



O OLHAR DE MORIZE

A PONTE SOBRE O RIO DAS ALMAS, EM PIRENÓPOLIS, FOI DOCUMENTADA PELO FOTÓGRAFO FRANCÊS HENRIQUE MORIZE, QUE ACOMPANHOU OS TRABALHOS DA MISSÃO CRULS, EM 1892

Fotos:Wanderlei Pozzembom



A LENTE DE WANDERLEY

A PONTE SOBRE O RIO DAS ALMAS HOJE, DOCUMENTADA SOB O MESMO ÂNGULO CAPTADO PELO FOTÓGRAFO HENRIQUE MORIZE NO SÉCULO XIX

“Ele tinha todo o domínio da técnica e conseguia captar detalhes que nenhum relato manuscrito conseguiria descrever”

Miguel Freire, chefe do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF)

para o Rio de Janeiro aos cinco anos de idade. Naturalizou-se brasileiro em 1884. Seu trabalho no país não se resume ao registro da Missão Cruls. Por problemas de saúde, Morize só completou o curso de Engenharia Industrial em 1890. Um ano depois, assumiu o cargo de astrônomo no Obser-

vatório Nacional. Foi catedrático de Física Experimental na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, de 1898 a 1925.

Em 1908, Morize assumiu a direção do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro, sucedendo o amigo belga Luiz Cruls, que comandou a exploração ao Planalto Central. Morize orga-

nizou e chefiou a missão brasileira que observou o eclipse de 1919 em Sobral (CE). Participou, em 1916, da fundação da Sociedade Brasileira de Ciências (mais tarde, Academia Brasileira de Ciências), que presidiu até 1926. Morreu em 19 de março de 1930, no Brasil.

“Estou pesquisando a Missão Cruls há mais de 20 anos e até agora nunca havia visto um material igual”

Jarbas Marques, diretor do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal



MARCO ANTÔNIO ALMEIDA TRARÁ AS FOTOS PARA BRASÍLIA: PRESERVAÇÃO

Restauração em computador

Só há poucos anos, Marco Antônio Veiga de Almeida se deu conta do real valor das fotos guardadas pelo seu bisavô José Alencastro Veiga, que retratavam as cidades de Goiás, Pirenópolis, Santa Luzia (atual Luziânia), Formosa, Catalão e áreas despovoadas do cerrado. “Depois que descobriam que tenho esse acervo, muitas fotos foram usadas para ajudar na reconstrução de Goiás Velho após a enchente (*de janeiro de 2002*)”, disse Almeida.

“Pesquisei a Missão Cruls há mais de 20 anos e nunca havia visto material igual”, disse, impressionado, o historiador Jarbas Marques, diretor do Instituto Histórico e Geográfico do DF, outro integrante da moderna expedição. Os especialistas da nova Missão Cruls querem recuperar e armazenar de forma adequada as fotos de Morize guardadas por Marco Antônio. Ele levará o acervo a Brasília para ser copiado por meio de scanner e restaurado em computadores gráficos. As imagens serão guardadas em CDs e enviadas para museus e bibliotecas.